

# suplemento CULTURAL

o diário □ 4/7/82

■ O MOMENTO DA VERDADE

## O mundo do «Dinossauro»



de José  
Cardoso  
Pires  
(2.<sup>a</sup> parte)

□ Págs 8/9

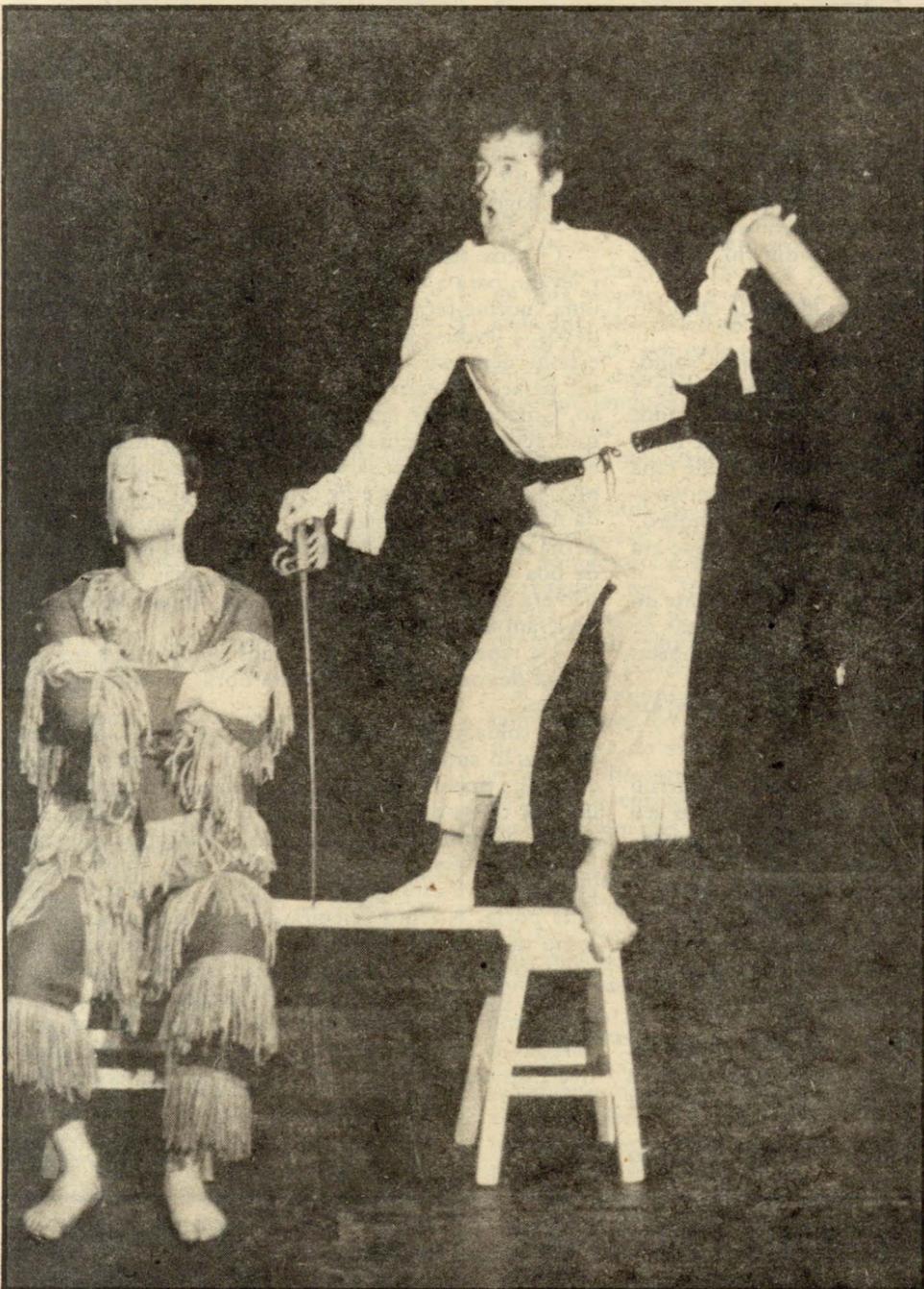
Alexandre Pinheiro Torres



Manuel Ferreira e Augusto Abelaira na cerimónia da tomada de posse dos cargos, respectivamente, de presidente da Direcção e presidente do Conselho Fiscal da APE

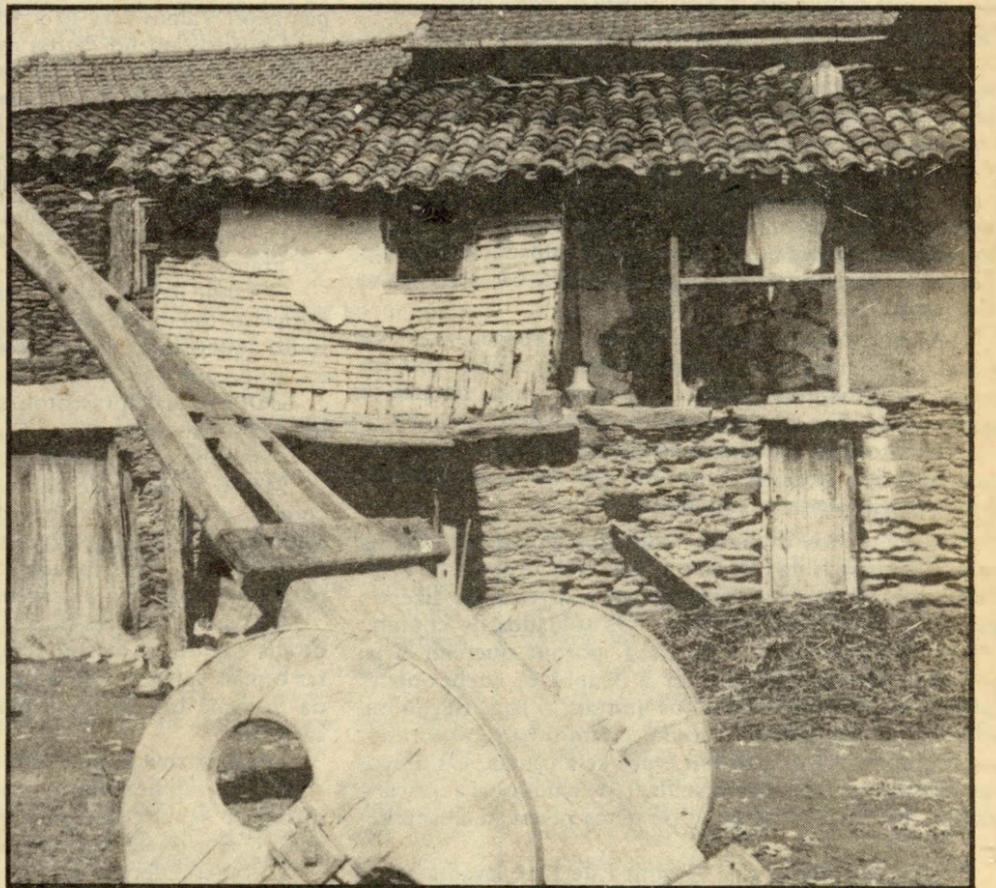
## Nem profetas da desgraça nem pregoeiros da felicidade

Manuel Ferreira ■ Pág. 3



□ Uma cena da peça de Marivaux «Ilha dos Escravos» pelo TET (Teatro de Ensaio Transmontano).

■ Entrevista nas páginas 4 e 5



## Cultura popular da zona do Barroso

António L. Fonte ■ Pág. 7

## ■ O MOMENTO DA VERDADE

# O mundo do «dinossauro» de José Cardoso Pires

## 2.<sup>a</sup> parte: Do «Dê-Erre» Máximo ao perpétuo milagre da Transmigração Fascista

Alexandre Pinheiro Torres

**N**a Parte Segunda de «Dinossauro Excelentíssimo» descreve-nos Cardoso Pires «O Reino». O autor apresenta-nos-lo segundo duas grandes linhas sociais perfeitamente contrastantes. De um lado, temos a esmagadora maioria da população: pobres, mendigos, explorados, que só conhecem a fome e a doença. É a massa anónima dos camponeses que tantas vezes deserta dos campos e vem viver na periferia de Lisboa ou do Porto, mas especialmente de Lisboa, onde em bairros de lata procura uma oportunidade de sobreviver em estado de menos miséria. É o quadro típico das grandes cidades dos países subdesenvolvidos do mundo capitalista. Lisboa como o Rio de Janeiro, ou São Paulo, ou Nova York, ou Madrid, ou Roma, ou Atenas, ou Santiago do Chile.

Este português habituado à fome e à desgraça, é designado no livro por uma palavra curiosa: mexilhão. O autor vai buscar a palavra a um conhecido ditado português que, aliás, reproduz: «Quando o mar bate na rocha, quem se lixa é o mexilhão». Este provérbio tem o seguinte significado: quando há duas grandes forças que se enfrentam (simbolizadas pelo mar e pela rocha que lhe recebe as permanentes pancadas das ondas) se elas mais ou menos se equilibram no seu poder ofensivo (o mar) e na sua resistência defensiva (a rocha), há um elemento humilde que vive agarrado à rocha, e esse é que sofre as verdadeiras consequências do impacto das ondas. É o mexilhão. Ora o mexilhão simboliza o português humilde, explorado, incapaz de se defender, vivendo uma existência de choques permanentes. O provérbio tornou-se particularmente popular em Portugal para traduzir a seguinte situação: perante altas de custo de vida, medidas descrionárias de exploração ditadas pelos interesses capitalistas internacionais, escassez de alimentos, desemprego, doenças, etc., perante o crescer de todas estas verdadeiras vagas ao assalto do País, quem verdadeiramente sofria (ou continua a sofrer) não eram nem as classes dirigentes nem as camadas privilegiadas da burguesia dos doutores. Para umas e outras nunca havia problemas. Mas os milhões de mexilhões do Reino, sem meios de defesa, esses é que, na verdade, sofrem os horrores da tempestade económica e social.

Cardoso Pires retrata os mexilhões na sua posição de instrumentos nas mãos dos «dê-erres» letrados e palavrosos, alguns deles (raros) saídos como Salazar das camadas inferiores da população, mas logo assumindo felizes o papel de carrascos da multidão imensa que não pôde encontrar a porta da saída individual. Desde logo uma filosofia lhes é decretada do alto: «ser pobre é ser feliz», postulado que ecoa o princípio cristão segundo o qual é preciso sofrer para ganhar o Paraíso, e que o Céu é o Reino dos Pobres. Esta filosofia da resignação, desde sempre propugnada pelo establishment cristão, principalmen-

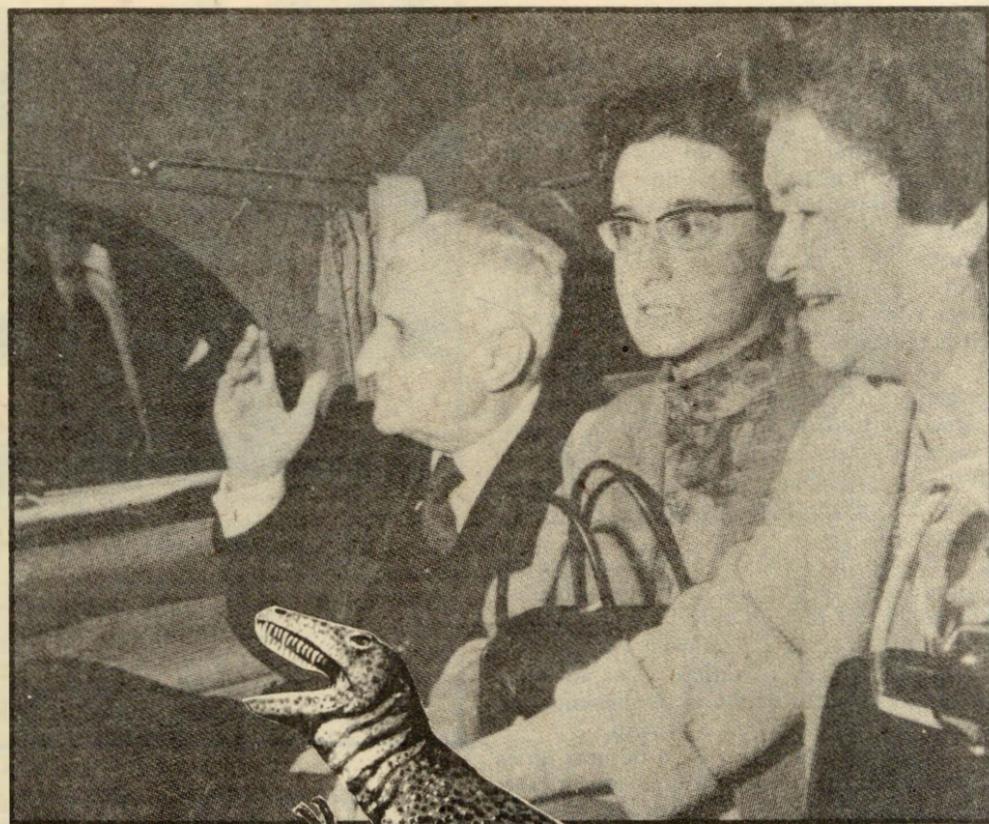
te católico, encontra os seus mais estrénuos defensores entre uma imensa camada de gente que serve a Igreja: padres, fadres, freiras, monjes, monjas, confrarias, representantes esforçados dos interesses económicos das mais diferentes ordens religiosas, possuidoras de grande quantidade de terra, monopolistas do ensino particular e das clínicas privadas, grandes accionistas em empresas do Estado e mesmo multinacionais.

A campanha de intimidação mental tem o seu instrumento na palavra que se autodefine e autoproclama como absoluta, indiscutível, a única verdadeira. É a palavra dos Mestres e seus representantes, os «dê-erres». Para supervisar a infabilidade da Palavra existe, certamente, o Dinossauro, que, receoso de que haja palavras que se oponham à sua Palavra, começa de instituir um rigorosíssimo sistema de censura. Este surge-nos particularmente satirizado em «A Câmara de Torturar palavras», subcapítulo em que Cardoso Pires começa a definir a imagem do Ditador como Estátua, correlato objectivo do culto da personalidade, ou do culto do chefe apoiado pelo seu exército de «dê-erres»; a burocracia imensa que se inventa para ocupar de tarefas inúteis e não produtivas o séquito de parasitas que constituem o eco necessário do Dinossauro.

«Num golpe de génio o Imperador salva uma ilha naufragada», é uma das passagens mais valiosas do livro de Cardoso Pires, pela forma como o Autor satiriza os acontecimentos de Goa, ocorridos em Dezembro de 1961. Nesta altura, como o leitor se poderá lembrar, a União Indiana solicitou ao Governo fascista português que este pusesse fim ao colonialismo no seu país, abandonando três cidades que ainda ocupava na costa ocidental: Goa, Damão e Diu. Este era o resto do chamado, com excessiva pompa, Império Português na Índia. Salazar recusou terminantemente a solicitação, declarando que essas cidades constituíam «parte integrante do território nacional português», e eram prolongamento natural da metrópole lusitana. Este foi, aliás, sempre o seu teimoso argumento para manter uma guerra em África, quando o resto dos países da Europa já tinha descolonizado.

Perante recusas sucessivas, Nehru não teve outro remédio senão enviar um ultimatum a Portugal. Salazar repeliu-o e ordenou aos 3000 soldados que defendiam o «império português da Índia» que não toleraria que qualquer deles regressasse vivo. O que aconteceu, porém, foi que o general Vassalo e Silva que comandava esses soldados entendeu que o sacrifício era inútil, pois não tinha um mínimo de possibilidades de resistir ao poderio de todo o exército, marinha e aviação da União Indiana. Não houve, pois, combate. As tropas indianas avançaram sem resistência e ocuparam as três cidades, fazendo prisioneiros os militares portugueses.

Nehru não estava, porém, interessado em manter estes prisioneiros. Para quê gastar dinheiro com a sua manutenção? Foi então solicitado a Portugal que en-



O ditador que vai envelhecendo aproxima-se cada vez mais da figura do dinossauro

viasse navios para recolher e reconduzir ao seu território nacional os prisioneiros que se encontravam na Índia. Salazar recusou. Entendia que se tratava de «traidores» e que, como tais, haviam perdido o direito à nacionalidade portuguesa. Depois de muitos meses de expectativa, quase um ano, barcos doutras nações acabaram por transportar o General Vassalo e Silva e os seus 3000 soldados para Portugal. Salazar mandou-os imediatamente prender. O General foi julgado e destituído do seu cargo, e a todos os outros oficiais aconteceu o mesmo.

Se esta história é espantosa, mais espantoso é ainda o que acontecia, entretanto, relativamente à atitude de Salazar perante a perda de Goa, Damão e Diu. Logo declarou que estes «estados» não se encontravam perdidos, mas meramente e temporariamente ocupados por forças inimigas, sem qualquer direito a elas. Assim, na lista dos territórios que pertenciam ao Império Colonial Português continuou-se, pelos anos fora, a fazer menção dessas cidades. Mais: elas continuaram a ter os seus representantes na Assembleia Nacional, e havia nesta deputados por Goa, Damão e Diu, os quais discutiam os interesses diários dessas antigas praças-fortes, estabelecidas no Séc. XVI, exatamente como se continuassem relamente portuguesas. As repartições públicas delas foram recriadas em Lisboa com os seus funcionários e os Governadores de Goa, Damão e Diu, passeavam-se pela capital

com todas as regalias inerentes aos seus cargos.

O episódio da «ilha», no livro de Cardoso Pires, é, assim, uma forma de travesti, cheia de humor de um acontecimento realmente verdadeiro. Ela epitomiza bem, pela loucura que o caracteriza, a paranóia imperialista do Dinossauro, e, sobretudo, a insistência do Fascismo em querer viver no Passado, recusando a História.

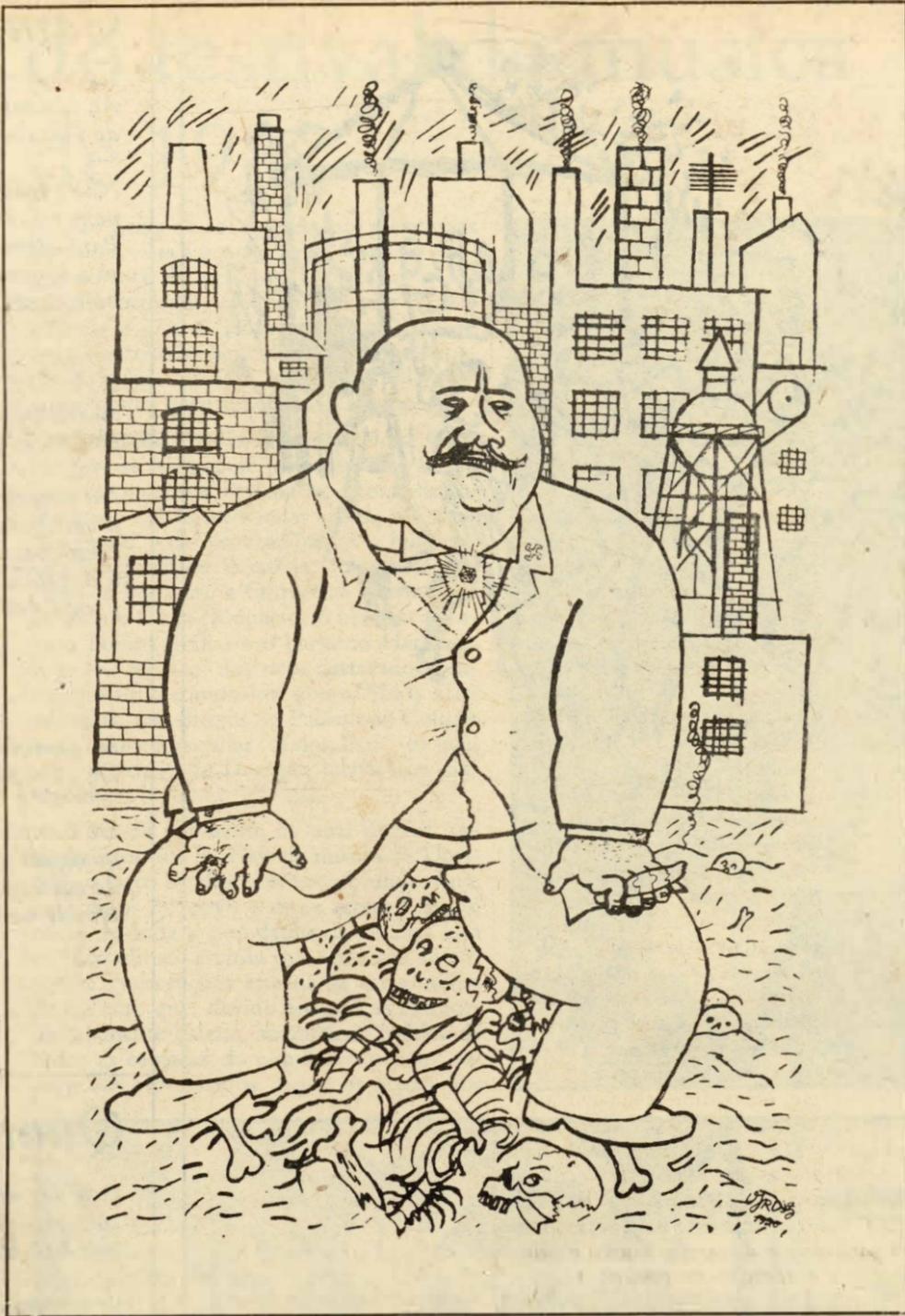
A partir deste ponto, o Autor ocupa-se em retratar a crescente alienação de Salazar em relação ao povo: a forma como se fecha a qualquer contacto («Passaporte com 7 chaves»), e a forma como logo os «dê-erres» lhe seguem o exemplo, cada vez mais alheios e desprezadores dos seus interesses. É um período crucial da História de Portugal. Insiste-se estupidamente na manutenção das colónias em África, perante a condenação do mundo inteiro, e, como soldados «carne-para-canhão» são mobilizados milhares e milhares de camponeses. A década de 60 é, porém, a do êxodo de cerca de um milhão de portugueses pobres («os mexilhões») que fogem, voltando costas a uma guerra cujos objectivos não compreendem. Vão clandestinamente às centenas de milhares trabalhar para a França, Alemanha Federal, Canadá, Venezuela, Brasil, etc.

Este é o período de uma nova mitologia: a dos «heróis-mortos em África na defesa do sagrado território da pátria».

## Iniciativa empresarial

Há toda uma linguagem que se artificializa nos jornais, segundo directivas rígidas ditadas pelo aparelho burocrático do Estado: a legião dos «dê-erres» (estes não emigraram). Cada vez mais isolado (Salazar vangloriava-se em relação a Portugal: «Estamos orgulhosamente sós»), o Dinossauro ocupava-se, agora — perante o ataque de todas as potências do Ocidente; em quem sempre acreditou ter os seus aliados naturais — em dirigir-lhes discursos proféticos em que o acusava de não lhe seguirem os conselhos. Se o mundo ocidental não o ouvisse, ou acreditasse na sua Razão, a África não se perderia. O argumento era sempre o mesmo: «Portugal está no continente africano como o último defensor dos interesses da Civilização Ocidental, da Cristandade, contra a ameaça comunista». Mas as potências do Ocidente não o queriam ouvir, insistindo para que às velhas colónias fosse enfiada a independência.

Cardoso Pires retrata-nos magistralmente o velho Dinossauro nestes discursos patéticos e loucos a um mundo que o não escuta. Como nos descrevê, com grande humor, em «O discurso fatal», aquilo que em Portugal o povo apelidava de «manifestações espontâneas». Os «dê-erres» decidiam que era tempo prestar homenagem pública ao Dinossauro. O Excelentíssimo faria mais um dos seus discursos na praça principal de Lisboa, o Terreiro do Paço, onde se encontram os ministérios. Mas para encher a larga praça são necessárias 150 000 pessoas. Como arranjá-las? Ofereciam-se aos camponeses viagens gratuitas à capital, transportes, dinheiro, alimentos, etc., com a condição de que comparecessem, em massa, a aplaudir o Ditador. Manifestação paga, orquestrada, nem sempre alcançava os seus objectivos, ou alcançava de uma forma excessivamente cara. Era necessário garantir o transporte de 200 000 ou 250 000 para que na Praça lá acorressem



pelo menos uma terça parte destes. A maioria aproveitava o passeio, fazia turismo pela capital, mas ao Discurso é que não ia. Os que lá fossem nada entendiam dele, porque, como observa Cardoso Pires, era feito em «dialecto dê-erre», inacessível às suas inteligências simplórias. O Autor, revela-nos o Dinossauro numa fala histérica aos «mundos e planetas» para que o compreendam. O pior, decla-

ra-nos, é que estes «andavam fora do cumprimento de onda do Imperador».

A Parte Terceira do livro é uma elaboração satírica sobre o tema das palavras, da censura, de um Ditador que vai envelhecendo e que cada vez mais se aproxima da figura do Dinossauro, cada vez mais recuando no Passado, no esforço permanente de se querer sempre igual a si próprio, ou à imagem que de si fez ou que

os «dê-erres» dele fizeram: a Estátua com que se compara e na qual se crê ver fielmente espelhado. É o período último da vida do Imperador, a lutar com um mundo que na verdade, nunca o ouviu. Vive obcecado por estabelecer uma Ordem na Terra que fosse cópia ipsis verbis da Ordem que estabeleceu ou pretende estabelecer no seu império: a Nova Ordem Nacional-socialista ou Fascista. No seu delírio vê as letras que constituem a palavra Ordem em convulsão. As letras de Ordem aparecem fora da ordem, e, então surgem-lhe outras palavras formadas com as mesmas letras, ou parte delas, palavras como Medo ou Morte. «Dinossauro Um estava louco, atordoado», descreve Cardoso Pires. «Não podia acreditar, era o fim, que uma palavra tão trabalhada como Ordem, tão purificada, se pudesse transformar em Medo, e ainda por cima mordesse». A Nova Ordem é, realmente o Caos.

O Epílogo trata, em sátira, do acontecimento também real, a que já nos referimos no início deste prefácio, quando Salazar sofre o ataque cerebral de 27 de Setembro de 1968. A verdade é que caiu de um cadeirão de palha, onde repousava ao sol, no Forte de Belém, onde vivia, e o traumatismo da queda provocou-lhe o derramamento que o inutilisaria. O que levou um grupo de patriotas espanhóis a enviar um telegrama ao governo português, com estes dizeres: «É favor mandarem urgente o cadeirão ao General Franco».

Cardoso Pires alegorisa o incidente, fazendo com que seja a sua própria Estátua de bronze que lhe desaba em cima. A farsa do que depois se passou está contada: a história dos dois Primeiros-Ministros, dos falsos conselheiros, dos jornais especialmente impressos e dos programas de TV onde o Dinossauro ainda podia ver, em estado de idiotia, a própria Estátua.

Explicadas ao leitor as grandes linhas do livro, presentes ainda na maioria esmagadora dos que não perderam a memória, resta-nos acrescentar que nunca numa sátira ou alegoria satírica houve menos necessidade de génio satírico pela parte do Autor. Bastava-lhe retratar a farsa que foi o fascismo português, em alguns dos seus episódios, personagens e ambiente característicos. Retratado, porém, o Fascismo português, ou o seu Dinossauro, podem considerar-se também retratados todos os outros Fascismos, onde ele os houve e ainda há. E que não se diga que qualquer semelhança é mera coincidência ■

De um lado, temos a esmagadora maioria da população: pobres, mendigos, explorados...

